

FLORES, Maria Bernardete Ramos. **Os espanhóis conquistam a Ilha de Santa Catarina: 1777**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004. 148 p.

Henrique Luiz Voltolini
marsvltor@hotmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina

O livro aqui resenhado é de autoria da Dra. Maria Bernardete Ramos Flores, professora titular do Departamento de História da UFSC desde 1987, além de pesquisadora do CNPq. Obteve seu título de doutorado em 1991, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, com a tese *Teatros da vida, cenários da história – a farra do boi no litoral de Santa Catarina*. Possui várias obras sobre a temática catarinense como, por exemplo, *A farra do boi – palavras, sentidos e ficções*, publicado pela Editora da UFSC. Atualmente, sua pesquisa foca-se na questão da cultura e de raça e seus desdobramentos sobre o corpo, o sexo, o gênero e a etnia, a qual resultou na obra *O beijo através do Atlântico – o lugar do Brasil no Panlusitanismo*, pela Editora Argos. Destaca-se também extensa produção acadêmica de artigos, orientações, etc.

A presente obra, *Os espanhóis conquistam a Ilha de Santa Catarina: 1777*, é da Coleção Rebento, organizada pela autora e por Élio Cantalício Serpa, e divide-se em 25 capítulos, que serão resenhados na sua totalidade.

A partir da análise do livro, compreende-se que os cinco primeiros capítulos apresentam-se como uma introdução do tema principal. Assim, nos três primeiros, “O Alerta”, “A Expedição de Pedro de Cevallos” e “A Defesa da Ilha”, encontram-se os antecedentes e mobilizações dessa conquista/defesa da Ilha de Santa Catarina, tanto por parte das duas metrópoles, Portugal e Espanha, como dos habitantes da colônia. A autora demonstra basear nas pesquisas de Maria de Fátima Fontes Piazza para a obtenção de números referentes ao efetivo militar presente na Ilha, como o arregimentado pela Coroa espanhola, comandado por Pedro de Cevallos, assim como de informações adicionais relevantes ao livro. A importância da manutenção da posse da Ilha, por parte coroa portuguesa, ou de conquista, por parte da coroa espanhola, está sempre presente nas falas, reproduzidas por Flores, de correspondências reais dos dois lados, salientando a relevância de porto seguro: “[...] em tempo da paz, esta Ilha defendia a costa sul dos contrabandos; em



tempo de guerra, privava os inimigos do único porto fundo e espaço [...]”¹. Dessa maneira, vislumbra-se a querela existente entre ambas as Coroas a respeito da região meridional da América e da busca por esse porto natural, único na região.

No quarto capítulo, “O Soldado-cidadão”, a autora se restringe a falar de como se encontravam as defesas da Ilha, na questão dos fortes, fortalezas e efetivos militares – de terra e mar. E, no quinto, “A Vila Capital”, faz um panorama, desde a fundação até antes da conquista espanhola, da vida cotidiana na vila de Desterro e suas freguesias circundantes.

Nos cinco capítulos seguintes, a autora apresenta a tomada da Ilha (“A Capitulação”); a organização da tentativa de ajuda (“O Socorro”); a fuga dos portugueses para o continente (“A Retirada”); a entrada dos espanhóis na Ilha (“A Entrada”); e a assinatura da rendição (“O Termo de Rendição”). Basicamente, denota-se nesse trecho do livro que, pelo lado espanhol, a conquista da Ilha aconteceu sem a perda de um homem sequer, ou seja, sem confronto armado contra os portugueses, que fugiram apenas com a presença dos invasores. Já pelo lado português, evidenciam-se os desencontros de informações a respeito do real estado de defesa da Ilha entre a Coroa portuguesa na metrópole, Lisboa, na capital da colônia, Rio de Janeiro, e a Ilha de Santa Catarina, facilitando ainda mais a tomada espanhola ante o despreparo e a fuga das autoridades – assim considerada pela Coroa portuguesa. Vale ressaltar que, no meio dessa invasão conturbada, D. José I, o rei português, faleceu, e sua filha, Dona Maria I, assumiu como rainha. Ela era sobrinha do rei espanhol e o qual almejava o fim das hostilidades entre as duas Coroas.

Sobre o governo espanhol com, no capítulo de mesmo nome (“O Governo Espanhol”), sabe-se pouco na Ilha pela falta de registros da época, mas o pouco que se pode referir a ele está marcado por consideráveis efeitos sobre a religião, uma não-assimilação social com a chegada espanhola e um grande déficit econômico. Os espanhóis permaneceram um ano e cinco meses na Ilha, de 24 de fevereiro de 1777 a 31 de julho de 1778.

“A Devassa”, o décimo terceiro capítulo, é relevante por descrever as punições às autoridades consideradas covardes pela Coroa portuguesa na perda da Ilha de Santa

¹ Flores, Maria Bernardete Ramos **Os espanhóis conquistam a Ilha de Santa Catarina: 1777**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004. p. 10.



Catarina. Na sua maioria, essas autoridades perderam seus títulos honoríficos ou militares, foram presos em Portugal e tem-se notícia apenas de uma execução sumária. Aqui nesse trecho do livro também se encontram as mudanças políticas na Coroa portuguesa.

Entre os capítulos “A Colônia do Sacramento” e “O Contrabando”, do décimo quarto ao décimo oitavo, a autora procura passar outros antecedentes históricos da disputa de limites entre portugueses e espanhóis, demonstrando questões de contrabando até as missões religiosas.

Seguindo essa explanação do panorama geral antes do conflito, o décimo nono capítulo, “O Pacto de Família”, vem para demonstrar como um conflito entre Portugal e Espanha arrastaria os demais países europeus, principalmente a Inglaterra, aliada de Portugal, e a França, aliada da Espanha, para esse conflito ibérico. Com tudo isso abordado pela a autora, somente falta descrever como a Ilha de Santa Catarina foi reempossada por Portugal. No dia 1º de outubro de 1777, as duas Coroas assinaram o Tratado de Ildefonso para dar fim às suas disputas na América e a definição de fronteiras. No mesmo tratado, a Ilha de Santa Catarina voltaria à posse de Portugal. Enfim, no dia 31 de julho de 1778, a Ilha volta definitivamente para as mãos portuguesas. No decorrer ainda desse capítulo, “A Devolução da Ilha”, Flores comenta muito sobre a árdua tarefa de reconstrução da Vila de Desterro e da província de Santa Catarina.

Em “O Epílogo”, a autora procura explicar a forma como o livro foi escrito – sem seguir rigidamente as normas acadêmicas – e faz um elogio aos pesquisadores da história catarinense e aos que preservam as documentações nos arquivos e bibliotecas.

Terminada a leitura do livro, pude constatar como a autora coloca, em “O Epílogo”, a sua fácil leitura, açambarcando um público leitor mais amplo do que apenas o dos meios acadêmicos. Porém, a obra não deixa de ser relevante para os acadêmicos ou pesquisadores da história de Santa Catarina, pois um de seus pontos fortes é a presença da transcrição de correspondências reais do período conflitante ao longo do texto, além de, nos últimos capítulos, fornecer as referências de arquivos e bibliotecas onde se podem encontrá-las. Assim, afirma-se a qualidade e a significância do livro *Os espanhóis conquistam a Ilha de Santa Catarina: 1777*, narrado pelas sóbrias palavras de Maria Bernardete Ramos Flores, enfatizando esse importante período da história catarinense.

